

Antonio Quinet

# A estranheza da psicanálise

*A Escola de Lacan e seus analistas*



**ZAHAR**  
Rio de Janeiro

## Prefácio: *Ex-tranha*

“Não ficaria surpreso”, diz Freud, “em ouvir que a psicanálise, que se preocupa em revelar essas forças ocultas, tornou-se assim estranha para muitas pessoas por essa mesma razão.”<sup>1</sup> É essa estranheza da psicanálise em relação às outras disciplinas, e à própria civilização, que Lacan situa no âmago de sua Escola como lugar de formação do psicanalista. A Escola de Lacan é A Estranha na civilização.

### O estranho, a *Ex-tranha*

Freud uma vez viajava de trem quando, de repente, a porta se abriu e ele viu um homem de roupão em seu compartimento. Ele não simpatizou com o tipo. Entretanto, era a sua própria imagem refletida no espelho preso atrás da porta que se abriu. Freud é afetado pelo objeto olhar que emerge no espelho, do qual se sente subitamente alvo — olhar que desfaz a imagem especular impedindo-o de reconhecer-se: ele é o objeto do olhar antipático do outro. O *Unheimlich* é esse objeto.

O que é *Unheimlich*, estranhamente inquietante, pode suscitar a angústia em sua conotação terrificante e atemorizante. A partir da análise etimológica, Freud chega à equivalência entre o que é estranho (*unheimlich*) para o sujeito e o que lhe é familiar (*heimlich*). A definição de Schelling é a mais adequada para colocar em evidência a estrutura da angústia: é qualificado de *Un-Heimlich* tudo aquilo que deveria ficar “no segredo, na sombra, e que conseguiu sair”.<sup>2</sup> Trata-se do objeto *a*, que deveria ficar atrás da porta e que, de repente, manifesta sua presença.

O *duplo* de que fala Freud em seu artigo “O ‘estranho’” provoca o sentimento de *Unheimlich* e não se refere à instância do eu e à imagem narcísica, e sim ao objeto *a* como supereu, particularmente ao objeto olhar.

Como o eu se sustenta em determinações simbólicas e pela extração do objeto *a* real, tanto a vacilação das identificações simbólicas que se verifica em uma análise quanto o retorno do objeto *a* na angústia provocarão uma perda dos pontos de referência imaginários, e o lugar que o sujeito havia encontrado para si no Outro, seu “lar”, seu *Heim*, se tornará então *Unheimlich*, estranho.

O que está no fundamento do fenômeno *Unheimlich*, descrito por Freud em seu texto, é o que Lacan designou como objeto *a*, o outro radical ao sujeito. É esse elemento absolutamente heterogêneo, objeto causa de desejo, objeto enigmático, que está fora da linguagem, que o analista deve encarnar como semblante em cada análise: ele deve “fazer de conta”, fazer *semblante* de objeto da pulsão de seu analisante. Para tal, deve ter atravessado em sua própria análise sua fantasia como analisante e cingido o que para ele é esse objeto. O objeto *a* é o objeto da psicanálise, o que corresponde, por excelência, ao lugar do analista, esse objeto estranho, estrangeiro e paradoxalmente familiar.

Em todos os âmbitos e níveis da proposta de Lacan de uma Escola para analistas, lá está o elemento do estrangeiro, aquele que faz um corte com a homogeneidade. No íntimo da Escola, o estranho. No âmago da civilização, A Estranha como elemento heterogêneo às instituições pedagógicas e sociais, pois sustenta o discurso do analista, que é o avesso do discurso dominante.

A Escola de Lacan é estranha. Através do dispositivo do passe, ela promove a conjunção do mais íntimo do sujeito com o que lhe é exterior, do privado com o público, demonstrando que a formação analítica está em continuidade com a análise do analista. Assim, ela leva para fora as “entranhas” do sujeito, seu íntimo exterior, *sua extimidade*. Essas entranhas são as modalidades do objeto *a* ectópico — externo às representações psíquicas —, que constitui a consistência epifânica do analista em seu ato.

As entranhas do sujeito estão nas entranhas da Escola. O dispositivo do passe na Escola é o lugar aonde as entranhas — estranhas e familiares — vêm para fora (*ex*). A Escola é *ex-tranha*.

Neste livro, pretendemos mostrar essa estrutura de estranheza, e não de homogeneidade, no registro de uma formação coletiva que é a Escola de Lacan.

## As Escolas passam, a de Lacan fica

É a Escola que instaura uma comunidade de experiência cujo âmago é dado pela experiência daqueles que praticam a psicanálise.<sup>3</sup>

O cerne da Escola é o real da experiência analítica. Não é, pois, possível trabalhar a forma de os analistas se reunirem sem se referir à clínica analítica e ao laço social que a sustenta.

Esse real Lacan o instaurou no centro da comunidade de Escola com o dispositivo do passe. Se o passe vacila, toda a comunidade é abalada, pois ela é atingida em seu coração, que é então lesado. Por outro lado, Lacan fundou a Escola e a dissolveu em nome de seu ensino, adotando em seguida a “Escola da contraexperiência” para que esse mesmo ensino subsistisse, por ser precioso para aqueles que escolheram essa orientação e decidiram passar por seus significantes.

A psicanálise é a referência comum na comunidade que a Escola constitui como o lugar de uma elaboração coletiva a partir de uma leitura, não única, porém múltipla, do que poderíamos chamar de retorno a Lacan. Trata-se do retorno aos fundamentos que constituem uma comunidade de Escola orientada pelo real da clínica, a intenção da psicanálise, para sustentarmos uma comunidade analítica que considera a subversão do sujeito e a atividade do objeto causa de desejo. A Escola de Lacan implica passe ativo e comunidade subvertida.

É preciso retomar hoje os fundamentos da Escola de Lacan diante dos desvios de algumas escolas de psicanálise. *Escola* de Lacan significa uma instituição e um conceito: uma *instituição* de formação psicanalítica que se baseia no *conceito* de Escola. Sua primeira característica é ser fundada em nome de um ensino: o de Lacan. Se uma Escola de psicanálise não tem mais como referência o ensino de Lacan, e sim o de algum outro que pode inclusive intitular-se seguidor, discípulo ou explicador de Lacan, não se pode mais considerá-la de acordo com o conceito propriamente de Escola tal qual Lacan a propôs. E não é por acaso que ao se abandonar a referência ao ensino de Lacan, acaba-se abandonando tanto o conceito de Escola quanto o dispositivo analítico e seus conceitos fundamentais.

Uma segunda característica — presente no “Ato de fundação” da Escola Freudiana de Paris (EFP)<sup>4</sup> — é a Escola ser um refúgio contra o mal-

estar da civilização. Sendo a civilização fundada no discurso do mestre, a Escola como refúgio deve estar sustentada no avesso desse discurso, que é o discurso do analista. Como nossa civilização atual, e conseqüentemente o seu mal-estar, advém das Torres Gêmeas,<sup>5</sup> uma representando o capitalismo e a outra o discurso técnico-científico, a Escola é o lugar, propriamente falando, em que se deve estar fora desses discursos. A Escola não pode se deixar dominar pelas neurociências, pela indústria farmacêutica, pela política dos resultados, pela lógica forclusiva do mercado. Ela deve também ser o lugar da crítica da psicanálise a esse mal-estar da civilização. O analista deve “alcançar em seu horizonte a subjetividade da sua época”,<sup>6</sup> o que não significa dizer que o psicanalista deva ceder ao discurso dominante de sua época. Isso não é estar à altura da subjetividade de sua época, e sim submeter a psicanálise aos discursos dos mestres.

O capitalismo e a tecnociência são as Torres Gêmeas que sustentam o mal-estar na civilização contemporânea, levando-a ao desastre e ao terror. A psicanálise não deve se adaptar ao discurso capitalista com o empuxo-à-fama, que o acompanha, nem se curvar ao discurso da ciência, que rejeita a verdade do sujeito. Ao ceder a elas, não há mais lugar para o Inconsciente nem para o real do *sinthoma*. A Escola de Lacan é o lugar de refúgio e crítica ao mal-estar na civilização.

Desde a fundação da EFP por Lacan, em 1964, e sua dissolução também efetuada por ele, em 1980, as Escolas de psicanálise se multiplicaram e hoje são inúmeras e diversas em seus projetos e funcionamentos. Foi, portanto, em nome de seu ensino que Lacan fundou a EFP e também em seu nome que a dissolveu. E também em nome de seu ensino que lançou a Causa Freudiana em 1981, e nesse mesmo ano adotou a Escola da Causa Freudiana nomeando-a como a Escola de seus alunos, a “Escola da contraexperiência”, como “o núcleo onde possa ser que sobreviva meu ensino”.

Na época da dissolução da EFP — cujos impasses giraram propriamente em torno de dois pontos: o ensino de Lacan e o passe —, Lacan considerou o passe um fracasso por não ter produzido o saber que se esperava sobre a passagem de analisante a analista. E quanto ao ensino, segundo Colette Soler, o próprio Lacan considerava que ele estava ali sendo “diluído”.

O ato de dissolução e a subsequente convocação de Lacan àqueles que queriam seguir com ele foi uma renovação necessária do vínculo ao seu ensino atra-

vés da transferência analítica e de trabalho com Lacan. Em nome de seu ensino Lacan funda e dissolve a EFP. Dissolve-a para “cortar firme com a debilidade ambiente” e, para perseverar na “via de matemas”, conclama à “contraexperiência”.

Após a dissolução de sua Escola, Lacan convidou os analistas a se reunirem em um Fórum, que denominou Causa Freudiana, e, após ser fundada a Escola da Causa Freudiana (ECF) por alguns de seus discípulos, ele a adotou como sua pouco antes de morrer. Ao lado da ECF várias outras Escolas se constituíram, não só na França, mas em diversos países, por outros discípulos e seguidores de Lacan.

A própria ECF conheceu duas cisões, uma em 1989 e outra em 1998, dando origem às que se intitulam, respectivamente, Escola Sigmund Freud e Escola de Psicanálise dos Fóruns do Campo Lacaniano, da qual sou membro.<sup>7</sup> Ao longo da sua existência, vários analistas, fora dos momentos de crise, também saíram e fundaram outras Escolas de Psicanálise.

Hoje em dia as Escolas de Psicanálise são muitas, sendo algumas, inclusive, derivadas da transformação de Sociedades de Psicanálise, Institutos ou Grupos de Estudos, em Escolas.

Se as Escolas são muitas, *o conceito de Escola é um só*. A aplicação desse conceito é variada e nisso consiste a riqueza da multiplicidade das Escolas.

O meu propósito neste livro é colocar na mesa esse conceito para aqueles que estão chegando ao país da psicanálise e para os colegas, meus contemporâneos, lacanianos ou não, aos analistas futuros, e trazer algumas reflexões gerais a partir da experiência que atravessei e vivi durante a construção de três Escolas: a Escola da Causa Freudiana, a Escola Brasileira de Psicanálise e, ultimamente, a Escola de Psicanálise dos Fóruns do Campo Lacaniano.

A Escola como conceito está aí, mas a Escola como prática é uma construção permanente cuja estranha chama deve ser mantida viva para ela não decair nem se transformar na formação coletiva banal de um mero grupo.